

ANÁLISE DO AMBIENTE ESCOLAR E SEUS SUJEITOS ATRAVÉS DO OLHAR DE UMA PROFESSORA EM FORMAÇÃO

Maria Rafaela Freitas Pimenta¹
Maria José Albuquerque da Silva²

RESUMO

Enquanto professores em formação, temos a necessidade de aliar teoria e prática. Desse modo, o presente estudo desenvolveu-se com base nas vivências de uma professora em formação na rotina escolar, em que a mesma faz uso dos conhecimentos teóricos adquiridos em todo o período de graduação. A pesquisa foi realizada em uma escola pública, a partir de uma observação participante, onde o pesquisador tem papel ativo na prática onde está inserido. A partir dos dados obtidos através de um olhar mais focado, averiguou-se que as relações interpessoais, de aluno e professor, professor e famílias, professor e gestão, influenciam diretamente no cotidiano escolar, bem como o conhecimento trazido pelo educador da sua graduação. Desse modo, conclui-se que as vivências no ambiente escolar e a análise desses pontos são de fundamental importância para a formação do profissional em educação, pois se considera que a prática eficiente deve estar bem fundamentada teoricamente e vice-versa.

Palavras-chave: Teoria e Prática. Formação. Reflexão.

INTRODUÇÃO

Enquanto professores em formação temos a necessidade de ir ao encontro da realidade da escola, principalmente a pública, como forma de fundamentação consistente para a efetiva formação com qualidade. Diante de inúmeros cursos de Pedagogia e da grande oferta de vagas nesses cursos, muitas vezes as formações não tem consistência, muitas delas em decorrência do pouco contato com a prática pedagógica que é renegada pela soberania do conhecimento teórico.

Haja vista, o conhecimento teórico é fundamental para a formação do profissional em educação, já que é a partir dele que forma-se um professor crítico capaz de transformar a realidade de seus educandos e contribuir para a sociedade.

Entretanto, o que identificamos, muitas vezes, é um ensinamento teórico que se distancia da prática pedagógica, em que os professores em formação passam um bom tempo da graduação apenas “sentados nos bancos das faculdades” para posteriormente ao fim da graduação poderem ter acesso a realidade da prática pedagógica.

¹ Graduanda pelo curso de Pedagogia da Universidade Federal do Ceará - UFC, labsf123@gmail.com;

² Professora orientadora: Doutora, Faculdade de Educação - UFC, maria.jasilva@hotmail.com

Muitas vezes esses conhecimentos adquiridos já não fazem sentido nas práticas desses profissionais, pois não tiveram a oportunidade de aplicá-los *in loco* simultaneamente durante os estudos sobre os diversos temas que permeiam a educação, bem como de autores importantes.

O objetivo do estudo foi promover uma aproximação da realidade escolar que futuros professores irão encontrar em suas práticas como profissionais de educação, identificando as limitações e as potencialidades do ambiente escolar. Além disso, uma das finalidades principais deste trabalho é a possibilidade de refletir sobre a prática pedagógica à luz dos conhecimentos teóricos adquiridos durante o percurso da graduação.

Importante ressaltar que não é foco desse estudo ir contra o ensino teórico, muito pelo contrário, ele mostra que, uma boa prática alinhada com o conhecimento teórico adequado é importante para desconstruir a realidade que muitas vezes, encontramos nas escolas brasileiras em geral, que é a prática pedagógica intuitiva, em que os professores se recusam a refletirem sobre suas práticas, déficit, que geralmente, decorre de uma formação precária.

METODOLOGIA

A presente análise foi realizada a partir de uma amostra da realidade de uma escola pública da rede municipal, situada na cidade de Fortaleza-Ceará. A mesma atende alunos da Educação Infantil, Ensino Fundamental e Educação de Jovens e Adultos (EJA). No total são 729 alunos matriculados.

Foi realizada observações do ambiente escolar, bem como vivências em sala de aula registradas em diários de campo para uma posterior análise. O estudo foi dividido em etapas que se caracterizaram por um período de ambientação à rotina escolar, e posteriormente, uma efetiva vivência em sala de aula através de regências que aliaram teoria e prática, compondo um processo que se caracterizou por uma observação participante:

Onde esta é utilizada como técnica direta para a compreensão do fenômeno observado e pode acontecer de maneira formal e informal no decorrer das aulas nas disciplinas trabalhadas. Os registros diários sobre o movimento dos alunos na sala de aula e fora dela são de grande importância para as análises realizadas. As alegrias, dúvidas, esperanças, medos, angústias pessoais, familiares e profissionais dos alunos precisam ser captadas no decorrer dessa observação participante. Com as conversas informais nas entradas e saídas, nos espaços de recreação e até nos horários das refeições é possível estar na companhia de alunos envolvidos na pesquisa. (LIMA, 2004, p. 101).

A partir de uma análise e de uma prévia ambientação sobre a realidade escolar surgiram algumas reflexões sobre teoria e prática e a importância de um olhar atento a todas as características do ambiente escolar que transcendem às vivências em sala de aula.

A efetiva análise de todas essas questões sobre o ambiente escolar é fundamental para a pesquisa em educação, pois todos os ambientes e demais práticas do cotidiano escolar impactam na prática do professor. Assim, destaca-se nesse estudo a análise de um todo educacional, desde os ambientes estruturais da escola, como as relações interpessoais e as vivências em sala de aula.

DESENVOLVIMENTO

A escola onde foi realizado o estudo possui uma Sala Recursos Multifuncionais (SRM), em que os alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento, altas habilidades/superdotação, são atendidos no contra turno pelo Atendimento Educacional Especializado (AEE). Segundo o art. 5º da Resolução Nº 4, de 2 de outubro de 2009:

O AEE é realizado, prioritariamente, na sala de recursos multifuncionais da própria escola ou em outra escola de ensino regular, no turno inverso da escolarização, não sendo substitutivo às classes comuns, podendo ser realizado, também, em centro de Atendimento Educacional Especializado da rede pública ou de instituições comunitárias, confessionais ou filantrópicas sem fins lucrativos, conveniadas com a Secretaria de Educação ou órgão equivalente dos Estados, Distrito Federal ou dos Municípios. (BRASIL, 2009. p 2)

Porém, em alguns casos, segundo a professora responsável pela SRM, esse atendimento é feito no horário da aula, no qual o aluno é retirado da sala de ensino regular por cerca de uma hora e depois retorna a mesma.

A instituição de ensino também possui um laboratório de informática e uma biblioteca, na qual a presença dos alunos nesses espaços é feita de forma agendada por sala, onde cada turma tem um horário determinado.

Os professores contam com uma sala apropriada para realizarem suas refeições e reuniões, além de um espaço arejado para planejamento e/ou aplicação de reforço com alunos que apresentam alguma dificuldade de aprendizagem.

A escola ainda possui outros espaços, como: cozinha, banheiro dos funcionários, banheiro dos alunos, sala da direção, secretaria, sala da coordenação pedagógica e um pequeno jardim, mantido pelos alunos e funcionários.

A estrutura física da escola deixa a desejar, pois os alunos não dispõem de uma quadra poliesportiva, por exemplo. Um dos espaços destinados ao intervalo dos alunos, também não é adequado, pois o terreno não é plano, o que pode ocasionar algum tipo de acidente, e não tem uma cobertura, o que impossibilita o seu uso nos dias de chuva. O refeitório, apesar da conservação, não comporta todos os alunos de forma simultânea, assim a utilização do espaço é feita na forma de revezamento entre as salas. Sobre esse fato, não tem uma ordem definida, e os alunos sempre estão acompanhados de seus respectivos professores.

Apesar de a estrutura apresentar alguns problemas, a equipe da instituição, formada pela gestão, professores, profissionais da limpeza e auxiliares de sala, se esforçam para deixar o ambiente sempre aconchegante e receptivo para as crianças.

Uma ação significativa é a transformação de uma parte do pátio em um cantinho da leitura, com uma geladeira recheada de livros e um espaço de convivência, onde os alunos podem deitar, ler e compartilhar suas leituras com os outros alunos

Existem alunos com deficiência nessa escola, um deles com deficiência física, outros com autismo e alguns com deficiência intelectual. A acessibilidade é feita através de rampas, o que não garante a inclusão, pois segundo Ropoli:

A escola comum se torna inclusiva quando reconhece as diferenças dos alunos diante do processo educativo e busca a participação e o progresso de todos, adotando novas práticas pedagógicas. Não é fácil e imediata a adoção dessas novas práticas, pois ela depende de mudanças que vão além da escola e da sala de aula. Para que essa escola possa se concretizar, é patente a necessidade de atualização e desenvolvimento de novos conceitos, assim como a redefinição e a aplicação de alternativas e práticas pedagógicas e educacionais compatíveis com a inclusão. (ROPOLI, 2010, p 9).

A inclusão dos alunos com deficiência em uma escola de ensino regular está além da utilização de rampas que promovem a sua locomoção no espaço escolar, trata-se da socialização, da promoção do respeito às diferenças e da mudança de postura da gestão e do corpo docente.

Na escola em questão, há um esforço do corpo docente e da gestão em incluir esses alunos no ambiente escolar comum, porém o resultado não é satisfatório para todos. Pois, alguns possuem especificidades que a escola não consegue atender.

Apesar da formação inicial e a formação continuada contemplar o eixo da educação inclusiva, é nítido que alguns professores não estão preparados para lidar com cada uma delas. Assim, infelizmente, alguns alunos acabam se tornando apenas inseridos em uma escola de ensino regular.

Destaca-se também, que em determinados momentos, principalmente aqueles onde envolviam a indisciplina de algum aluno, o núcleo gestor tinha atitudes inesperadas, demonstrando um pouco de descontrole emocional ou até mesmo desgaste emocional, em decorrência do tempo e das atividades realizadas.

Outro ponto relevante foi o fato de alguns alunos questionarem com frequência o motivo de algumas regras e decisões tomadas pela escola, pois, enquanto a fala da gestão define os alunos como seres ativos no processo de ensino-aprendizagem, não é isso que acontece. Entretanto, Wellen & Wellen afirma que,

Se, na gestão capitalista, o trabalhador é tratado como máquina e é empregado para executar os imperativos da gerência, dentro da gestão escolar, além do ser sujeito na relação de ensino e aprendizagem, o aluno deve ser inserido no processo decisório da escola. (...) a gestão escolar deve organizar um espaço regulado pela democracia e que objetive a disseminação de uma educação direcionada ao fim de todas as formas de exploração e da divisão da sociedade em classes sociais. (WELLEN & WELLEN, 2010, p 183).

Assim, para que o aluno seja considerado um sujeito participante do processo de construção do conhecimento, o mesmo deve participar dos processos decisórios da escola.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após análise e familiarização com o ambiente escolar houve a inserção em sala de aula, para efetivamente ter parâmetros suficientes para refletir a partir das vivências na rotina escolar. Esse período caracterizou-se pela possibilidade da ação de uma professora em formação cumprir integralmente um período de que é fundamental para o processo de estudo da realidade escolar, principalmente de sala de aula, sendo uma forma de analisar a turma, bem como dá início ao processo de integração com os alunos e a professora.

No decorrer das vivências em sala de aula, as atitudes dos profissionais mostravam-se muito rígidas. Havia o olhar muito crítico sobre os alunos, a cobrança sobre as atividades pedagógicas, os diálogos sempre era em um tom de voz alto e algumas situações que os alunos demonstravam-se um pouco constrangidos.

A partir dessas situações, de imediato nota-se uma carência de afetividade no trabalho pedagógico, onde os alunos tinham uma baixa autoestima e não possuíam voz ativa nas práticas.

Diante disso pode-se refletir sobre a escola que limita, renega e reduz o indivíduo criando uma subjetividade pessoal em cada sujeito prejudicial para o processo de aprendizagem.

Esse período foi de extrema importância também pelo fato da construção da percepção sobre a prática pedagógica do profissional efetivo. Depois de certa aproximação surgiram algumas oportunidades de conversar com esses profissionais sobre diversos temas, tanto sobre a prática profissional, como sobre vida pessoal.

A partir das falas pôde-se identificar profissionais politicamente lutadores, críticos ao atual sistema social e com voz ativa dentro da escola sobre os direitos de seus alunos, mas omissos, muitas vezes, sobre a afetividade dos mesmos. Isso pode ocorrer também pela influência da vida pessoal que reflete diretamente nessas práticas, em que os mesmos passam por problemas de saúde decorrentes de suas rotinas sobrecarregadas.

Durante esse período, também, era comum os profissionais relatarem sobre a posição dos pais em relação a rotina educacional, onde muitos deles transferiam a responsabilidade de educar totalmente para a escola, cobravam e chegavam a ser incisivos sobre questões de conflitos e demandas pessoais de cada criança. Pode-se assim refletir o que Freire afirma sobre a situação do atual educador progressista:

Não estou pensando que educadores e educadoras devam ser santos, perfeitos. É exatamente como seres humanos, com seus valores e suas falhas, que devem testemunhar sua luta pela seriedade, pela liberdade, pela criação da indispensável disciplina de estudo de cujo processo devem fazer parte como auxiliares, pois que é tarefa dos educandos gerá-la em si mesmos. (...) Um dos equívocos da educadora, gerado no seu sentimento de auto-estima exorbitante que a faz pouco humilde, seria sentir-se ferida pela conduta dos educandos, por não admitir que ninguém possa duvidar dela. Humildemente, pelo contrário, é bom admitir que somos todos seres humanos, por isso, inacabados. Não somos perfeitos e infalíveis. (FREIRE, 1993, p. 81).

A etapa de inserção em sala de aula, bem como a análise do ambiente escolar e sua fusão é de extrema importância para a prática do professor em formação em sala de aula, pois além de ser um momento de observar, pode ser considerado um período de aproximação e de conhecimento da turma que o mesmo está inserido e da realidade escolar em geral.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O período de inserção em sala de aula e a vivência sobre todas as características da realidade escolar é de extrema importância para a formação em pedagogia. Essa etapa da

graduação foi muito significativa para futuras práticas como profissional de educação e também como forma de consolidar a formação no curso de Pedagogia.

Todo o processo foi consideravelmente rico de experiências gratificantes e cheias de aprendizados. É importante destacar não apenas os momentos de atividades em campo, mas também os momentos que antecederam esse acontecimento. Os momentos de reflexão sobre a teoria em sala de aula na universidade é de extrema importância para a efetiva prática pedagógica.

O referencial teórico do estudante de pedagogia vem sendo construído durante toda a graduação, estuda-se autores renomados, influentes, diversos métodos, diversas correntes teóricas, há uma gama de possibilidades de atuação como pedagogos, mas nada disso tem sentido sem levarmos para as nossas práticas, sem devolvermos para a sociedade todo o investimento depositado na universidade pública como forma de levar o melhor que a academia nos proporciona para o famoso “chão de sala”, onde tudo se torna realidade, onde vemos mazelas, muitas potencialidades e sobretudo, lidamos com a mais genuína relação de trocas, que é a relação professor-aluno. Então, um momento que foi disposto para resgatar e relembrar autores e temas que são relevantes para a educação e confrontá-los é sobretudo, especial.

Esses momentos de reflexão teórica dão suporte e um olhar mais crítico sobre a realidade, há a impressão que o olhar estava sempre voltado para identificar situações relevantes e que um olhar leigo não perceberia determinadas características importantes nas diversas situações, isso caracterizou o período de observações, onde esse olhar fazia remeter a estudos anteriores, a autores que falavam das situações vividas e muitas vezes não era possível identificar a teoria sobre a prática, esses momentos de temor de uma prática sem reflexão e suporte teórico foi motivo de ir beber na fonte de autores relevantes que fortaleceriam as práticas e auxiliavam o fazer pedagógico

Como forma de ressaltar, mais uma vez, que todo o processo foi enriquecedor para a formação e futuras práticas, destaca-se que as situações vividas, sentidas e compartilhadas foram importantes para a reflexão sobre o futuro como educadora.

Algumas delas levaram ao limite, experimentando sentimentos de extrema alegria e muitas vezes de profunda tristeza, mas no fim conseguiu-se compreender que sentir o que foi sentido está extremamente ligado a profissão que nós, futuros profissionais da educação, escolhemos seguir, pois é sobretudo uma profissão que envolve sentimentos aliados com a profissionalidade, com dedicação e comprometimento. Não existe aprendizagem significativa e prática bem executada sem um extremo comprometimento.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Resolução CNE/CEB nº 4, de 2 de outubro de 2009. **Conselho Nacional de Educação**: Câmara de Educação Básica. Disponível em:
http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb004_09.pdf. Acesso em: 20 jun. 2019.

FREIRE, Paulo. **Professora sim tia não**: cartas a quem ousa ensinar. São Paulo, Editora Olho d' Água, 1993.

LIMA, Maria Socorro Lucena. **Aprendiz da prática docente**: a didática no exercício do magistério. 2º ed. rev. e atual. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2004.

ROPOLI, Edilene Aparecida. **A Educação Especial na perspectiva da Inclusão Escolar**: A escola comum inclusiva. Fortaleza: Secretaria de Educação Especial do Ministério da Educação. 2010.

WELLEN, Henrique; WELLEN, Hérica. **Gestão organizacional e escolar**: uma análise crítica. Curitiba: Ibplex. 2010.